



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 16/04/2021 a 22/04/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
16/04/2021	14,33	402,20	56,33	6,52	5,85
19/04/2021	14,49	407,50	56,27	6,52	5,92
20/04/2021	14,72	410,40	58,32	6,59	6,06
21/04/2021	14,97	412,30	60,19	6,73	6,25
22/04/2021	15,33	422,00	62,52	7,10	6,50
Média	14,77	410,88	58,73	6,69	6,12

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	167,00	
RS – Não Me Toque	166,00	
RS – Londrina	160,00	
PR – Cascavel	161,00	
MT – C.N.Parecis	157,00	
MS – Maracaju	164,00	
GO - Rio Verde	164,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	85,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	86,00	
SC – Rio do Sul	90,00	
PR – Cascavel	93,00	
PR – Londrina	93,00	
MT – C.N.Parecis	76,00	
MS – Maracaju	90,00	
SP – Itapetininga	95,00	
SP – Campinas	100,00	CIF
GO – Rio Verde	82,00	
GO – Jataí	S/C	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	80,00	
PR – Londrina	89,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 21/04/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 22/04/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,19	166,80	80,06

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
22/04/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,73
Feijão (saco 60 Kg)	286,25
Sorgo (saco 60 Kg)	62,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,97
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,89**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,76

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja dispararam nesta semana em Chicago. O primeiro mês rompeu o teto dos US\$ 15,00/bushel, algo que não se via desde meados de julho de 2013. Neste contexto, o fechamento desta quinta-feira (22) ficou em US\$ 15,33/bushel, contra US\$ 14,18 uma semana antes. A especulação é tão forte que o bushel ganhou mais de um dólar em apenas cinco dias úteis em Chicago.

A explicação para tal movimento vem do clima nos EUA, neste momento frio e seco, fato que estaria atrasando o plantio da nova safra naquele país. No entanto, até o dia 19/04 o mesmo chegava a 3% da área esperada, estando dentro da média histórica. É importante frisar que o forte do plantio estadunidense em soja começa no final de abril. Outro fator altista, e mais significativo neste momento, vem dos altos preços do óleo. A libra-peso rompeu o teto dos 60 centavos de dólar nesta semana, algo que não era visto desde meados de julho de 2008, quando do auge da grande crise de 2007/08 no mercado financeiro mundial.

De fato a libra-peso do óleo chegou a bater em limite de alta durante a semana em Chicago. Este comportamento se deve a elevação dos preços do petróleo, puxados pela retomada da economia, mesmo que lentamente, junto aos países desenvolvidos, após os efeitos mais agudos da pandemia da Covid-19, além da falta de produto nos EUA, em um momento em que este país intensifica a produção de biodiesel. Neste contexto, especula-se que os EUA possam ficar sem soja até a entrada da nova safra, no final de setembro.

E isso tudo, mesmo com a China indicando redução no consumo de farelo de soja em suas rações animais, pois ela busca alternativas a este subproduto diante dos altos preços mundiais da soja. Esta situação poderá ser ruim para o mercado no futuro e precisa ser monitorada.

Por enquanto, a tendência externa continua sendo de preços firmes, pelo menos até a nova safra estadunidense se definir.

Ainda sobre a demanda chinesa, as importações de soja procedentes do Brasil recuaram em março, enquanto as dos EUA aumentaram bastante, subindo mais de quatro vezes, atingindo o maior volume mensal desde dezembro de 2016. A China importou 315.334 toneladas de soja do Brasil em março, com um recuo de 85%, contra 2,1 milhões de toneladas no mesmo mês do ano anterior. Foram as menores importações chinesas desde janeiro de 2017. Por outro lado, os chineses compraram 7,18 milhões de toneladas de soja estadunidense em março, com alta de 320% sobre 1,7 milhão de toneladas importadas no mesmo mês de 2020. Mas no total, a China importou 7,7 milhões de toneladas, com aumento de 82% sobre março do ano anterior. O que mudou, portanto, foi a origem do produto, embora muito disso se deva a cargas atrasadas que foram desembarcadas em março. Além disso, ajudou na opção pela soja estadunidense o fato de que a colheita brasileira ter sido atrasada neste ano, não havendo disponibilidade suficiente da oleaginosa para embarque em março.

Neste contexto, importante se faz alertar para o fato de que a China busca substituir a soja nas suas rações animais, assim como uma nova onda de peste suína africana, nos rebanhos suínos do país, reduziu em 20% os mesmos neste início de ano no

norte chinês. Com isso, a demanda por farelo diminui. Enfim, o trigo vem sendo usado nas rações com maior intensidade nestes últimos tempos, diante dos altos preços do milho.

No Brasil, os preços se mantiveram firmes graças a disparada de Chicago, embora o recuo do câmbio, para níveis de R\$ 5,55 por dólar em alguns momentos da semana, tenha contrabalançado um pouco a pressão altista. Desta forma, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 166,80/saco, não fugindo do padrão médio dos últimos meses, porém, com viés de alta. Nas demais praças nacionais o preço da soja girou entre R\$ 157,00 e R\$ 164,00/saco.

A demanda interna e externa continuam firmes, mesmo com a China comprando momentaneamente mais dos EUA. Neste momento, seguindo a lógica que já adiantamos aqui, os produtores nacionais estão preferindo vender mais a soja do que o milho, o que eleva a liquidez da oleaginosa no mercado nacional. Assim, mesmo sendo período de final de colheita no Paraná, o indicador CEPEA/ESALQ da soja atingiu R\$ 172,66/saco no último dia 14/04, se constituindo em recorde nominal da série iniciada em julho de 1997. Por outro lado, outro grupo de produtores não demonstra interesse em venda no curto prazo, esperando ainda melhor paridade de exportação nos meses futuros.

Pelo sim ou pelo não, o momento é de cautela, pois o mercado pode estar perto de uma guinada baixista, com o bushel recuando para algo entre US\$ 10,00 e US\$ 12,00, caso a safra dos EUA transcorra bem e a China diminua suas compras de soja e farelo. Por outro lado, em havendo problemas climáticos concretos nos EUA até setembro, não é de se descartar cotações em Chicago mais elevadas do que os atuais US\$ 15,00/bushel, podendo as mesmas se aproximar do recorde histórico obtido em setembro de 2012, quando o bushel bateu em US\$ 17,71.

Soma-se a isso o comportamento cambial no Brasil. O Real já deveria estar, em condições normais de nossa economia, entre R\$ 4,80 e R\$ 5,00 por dólar. Os novos aumentos da taxa Selic podem pressionar para a moeda nacional caminhar para esta direção, porém, será preciso também que as decisões políticas sobre o ajuste fiscal necessário igualmente avancem no país. Neste último caso, a decisão sobre o Orçamento de 2021 deixa preocupações e mantém o mercado cambial tenso.

Neste contexto, o movimento de vendas antecipadas, por parte dos produtores nacionais, para a safra 2021/22 é bem mais lento neste ano. Segundo as Aprosoja locais (cf. Notícias Agrícolas), no Paraná a comercialização da atual safra já alcança entre 50% e 60% do total, com agora poucos negócios. "O produtor está muito receoso com contrato futuro, pois fez bastante na safra passada, sendo que 70% dos insumos negociados da safra 2020/21 foram troca e o produtor entende que ele perdeu por conta do preço mais baixo, na época, do que os atuais níveis praticados". Isso impacta nas decisões de venda futura para 2021/22. Embora, na prática, o produtor tenha deixado de ganhar mais e não, necessariamente, perdido dinheiro.

No Rio Grande do Sul, onde a colheita da atual safra gira ao redor de 70% do total, o produtor já comercializou boa parte da mesma, praticamente não havendo negociações expressivas para a safra futura, mesmo diante dos atuais preços. Já em Goiás, cerca de 60% da atual safra foi vendida antecipadamente, outros 20% durante a colheita e

restam 20% em mãos dos produtores na medida em que os preços continuam com viés de alta. Para a nova safra, apenas 15% do total esperado está negociado antecipadamente. Na Bahia, a comercialização da safra 2020/21 ultrapassa os 70%, sendo que 55% da mesma foram negociados ao redor de R\$ 100,00/saco. Para 2021/22 a comercialização antecipada chega a 18% do total esperado. No Tocantins, para a futura safra a maior parte dos custos já foi travada, especialmente em dezembro quando o mercado do adubo deu uma reduzida em seus preços. Como em todos os lugares, o problema será se os preços baixarem muito na próxima colheita, pois os produtores estão fazendo trocas com soja entre R\$ 145,00 e R\$ 147,00/saco. No Piauí, onde a produção foi 10% maior neste ano, cerca de 40% da futura safra já foi negociado. No Pará, onde a colheita ainda continua, poucos negócios futuros estão sendo apontados. Já em São Paulo, as vendas antecipadas na atual safra chegaram a 50%, com preços mais baixos do que os atuais. Assim, há cautela para vendas futuras em relação à safra 2021/22. Em Minas Gerais, 55% da atual safra já está comercializada, havendo poucas vendas futuras sobre a safra do próximo ano. No fundo, como historicamente sempre foi o caso, a melhor estratégia é realizar média de comercialização, com vendas antecipadas ao redor de 30% do total esperado, principalmente visando travar os custos de produção.

Dito isso, o governo brasileiro novamente suspendeu a aplicação da alíquota de imposto de importação sobre compras de soja, milho e subprodutos oriundos de fora do Mercosul. A ideia é importar mais barato dos EUA visando baixar os custos internos para as fábricas de rações e os criadores. A medida estará em vigor até o dia 31 de dezembro próximo e visa principalmente o milho. Em outubro do ano passado, a Camex já tinha autorizado a suspensão de alíquota de importação para o milho até 31 de março deste ano e da soja até 15 de janeiro. A queda da TEC, contudo, não foi aproveitada anteriormente pelos importadores, que se concentraram mais em produtos do Mercosul, de onde já importam sem tarifa.

O Ministério da Agricultura disse que, quando foi anunciada a primeira isenção, uma expectativa era de que as cotações externas se estabilizariam e a safra de grãos 2020/21 teria uma produção suficiente para reequilibrar a oferta e a demanda. Além da firme demanda das indústrias de carnes, que usam milho e farelo de soja para ração, o Brasil está com uma produção crescente de etanol de milho. Além disso, as cotações internacionais se mantiveram elevadas, potencializadas por um Real muito desvalorizado, pressionando ainda mais os preços internos.

Enfim, as exportações de soja pelo Brasil podem chegar a 16,8 milhões de toneladas em abril, se constituindo em recorde mensal. Em abril do ano passado as exportações da oleaginosa atingiram a 14,3 milhões de toneladas.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente subiram bem durante esta semana. O primeiro mês cotado finalmente rompeu o teto dos US\$ 6,00/bushel, fechando a quinta-feira (22) em US\$ 6,50, contra US\$ 5,90/bushel uma semana antes. Esta nova cotação não era vista desde meados de julho de 2013.

O clima nos EUA, com temperaturas frias e seco, está preocupando o mercado no momento em que o plantio do cereal já se desenvolve. Neste sentido, até o dia 19/04 o mesmo atingia a 8% da área esperada, enquanto o mercado esperava 9% e a média histórica, para esta época do ano, é igualmente de 8%. Cerca de 2% das lavouras já emergiram. Além disso, começa a pesar também a possível redução na safrinha brasileira devido a falta de chuvas.

No Brasil, os preços voltaram a subir, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 84,19/saco, enquanto nas demais praças o produto oscilou entre R\$ 76,00 e R\$ 95,00/saco, sendo que o CIF Campinas, pela primeira vez na história, atingiu ao valor nominal de R\$ 100,00/saco. Já na B3 o vencimento maio bateu em R\$ 103,73/saco na abertura do pregão da quinta-feira (22), enquanto julho valia R\$ 100,73; setembro R\$ 96,85 e novembro R\$ 98,40/saco.

Neste momento, a falta de chuvas adequadas na maior parte das regiões produtoras da safrinha brasileira deixa o mercado nervoso, com os vendedores segurando o produto da safra de verão. Ao mesmo tempo, a demanda continua firme, com a necessidade de recomposição de estoques. Neste sentido, até o dia 16/04 o indicador ESALQ/BM&FBovespa (base Campinas-SP) subiu 4,45% fechando a R\$ 97,88/saco naquele dia, sendo um novo recorde real da série do Cepea.

Diante das dificuldades climáticas, consultorias continuam reduzindo a perspectiva da safrinha, com a mesma podendo perder até 5 milhões de toneladas em relação ao previsto inicialmente. Com isso, a safra total de milho no Brasil ficaria entre 102 e 104 milhões de toneladas e não mais entre 107 e 109 milhões como o esperado anteriormente. Neste contexto, a safrinha somaria 79,5 milhões de toneladas, contra 85 milhões projetados em fevereiro, mesmo com uma área semeada de 15,5 milhões de hectares. (cf. IHS Markit)

As principais regiões produtoras com necessidade de chuva, neste momento, seriam o Mato Grosso do Sul, norte e oeste do Paraná, oeste de São Paulo, sul de Goiás e o Triângulo Mineiro. Se não chover nos próximos dias novos cortes na projeção de produção irão ocorrer.

Dito isso, no Mato Grosso, segundo o Imea, o custo operacional total do milho, neste momento, chega a R\$ 3.151,90/hectare, subindo 2,77% em relação a fevereiro. Mesmo assim, a relação de troca continua favorável ao produtor local já que os preços do cereal continuam subindo, atingindo recordes nominais. Para a atual safra 2020/21 espera-se uma produção total de 35 milhões de toneladas, com uma demanda interna ao redor de 11,6 milhões de toneladas, especialmente puxada pela indústria de etanol. Assim, as projeções de exportação ficam em 21 milhões de toneladas e o comércio com outros Estados da Nação somaria 2,5 milhões de toneladas.

Por sua vez, no Paraná, segundo o Deral, 95% das lavouras de verão estão colhidas, enquanto a safrinha está praticamente toda semeada, havendo 16% da área em floração, com o índice de lavouras em boas condições recuando para 62%, após 76% na semana anterior. Cerca de 58% do plantio da safrinha paranaense ocorreu na segunda quinzena de março, caracterizando um atraso importante assim como uma área significativa fora da janela ideal de semeadura. Além disso, o índice de vegetação está no menor nível dos últimos anos no Paraná. A umidade do solo, na safra atual, é a

menor dos últimos 30 anos, colaborando para comprometer a safrinha. E a partir de agora o clima passa a ser decisivo para o desenvolvimento da safrinha em todo o Centro-Sul brasileiro.

Vale lembrar que, no Brasil, cerca de 40% de toda a safrinha foi semeada fora da janela ideal, enquanto quase 80% da produção nacional de milho é oriunda desta segunda safra. Daí a preocupação do mercado e a continuidade na elevação dos preços nacionais do cereal. Também é neste contexto que o governo federal passa a isentar de impostos a importação de milho oriunda de fora do Mercosul, buscando reduzir o preço para os consumidores internos, especialmente as indústrias de ração.

Já em Goiás, segundo o Ifag (Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás) os preços continuam subindo, enquanto há falta de chuvas nas lavouras da safrinha. Assim como em Santa Catarina, o Estado goiano está sendo atingido pela cigarrinha, o que tende a reduzir a produtividade final das lavouras.

Enquanto isso, no Mato Grosso do Sul, o plantio da safrinha estando encerrado, o problema agora é também a falta de chuvas. Grande parte do plantio ficou com cerca de cinco semanas fora do período ideal. Com uma produtividade média esperada de 75 sacos/hectare, o Estado espera colher 9 milhões de toneladas de milho safrinha. Cerca de 34% da futura colheita da segunda safra já estaria comercializada, com o preço ao produtor ganhando 11,3% nos primeiros 19 dias de abril. (cf. Famasul)

Enfim, as exportações do cereal ainda estão lentas. Nos primeiros 11 dias úteis de abril, segundo a Secex, o Brasil vendeu ao exterior 106.362 toneladas de milho, sendo 36% do total exportado em março. A média diária de embarques, em abril, está 24,4% menor do que a média de março, porém, 2.787% acima da média de abril de 2020. O preço da tonelada exportada em abril ficou em US\$ 208,60.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago também subiram forte nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (22), para o primeiro mês cotado ultrapassou o teto dos US\$ 7,00/bushel, ficando em US\$ 7,10/bushel, contra US\$ 6,53 uma semana antes. O atual nível de preço em Chicago não era visto desde o dia 09 de maio de 2014.

Nos EUA, as vendas de trigo ao exterior, na semana encerrada em 15 de abril, somaram 240.200 toneladas, ficando 55% acima da média das quatro semanas anteriores. O México foi o maior comprador, com 137.000 toneladas. Já para o ano 2021/22 o volume negociado chegou a 373.800 toneladas. Considerando as duas safras, o volume total exportado chegou a 614.000 toneladas na semana indicada.

Em paralelo, o plantio do trigo de primavera nos EUA chegou a 19% da área, até o dia 18/04, contra 7% em igual momento do ano passado.

Na Ucrânia, as altas dos preços internacionais igualmente pesaram sobre os preços locais. Assim, a tonelada do trigo macio, de alta qualidade para moagem, subiu para patamares entre US\$ 237,00 e US\$ 241,00 no FOB porto do Mar Negro. Já o trigo para ração atingiu a valores entre US\$ 232,00 e US\$ 237,00/tonelada. Em 2019/20 a

Ucrânia exportou 57 milhões de toneladas de grãos em geral, enquanto para este novo ano 2020/21 a expectativa é de um volume de apenas 45,7 milhões a ser exportado, pois a safra foi menor. Até o momento, as exportações ucranianas recuaram 24% em relação ao ano anterior, atingindo a 37 milhões de toneladas, sendo que 14,7 milhões são em trigo. O ano comercial da Ucrânia se encerra em 30 de junho próximo.

Enquanto isso, no Brasil, os preços do trigo continuam em alta. A média gaúcha, no balcão, bateu em R\$ 80,06/saco nesta semana, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 89,00 e R\$ 90,00/saco.

Os negócios continuam lentos no Brasil, havendo baixa liquidez no mercado. Porém, nem por isso os preços recuam, pois há falta de produto de qualidade no país. O plantio da nova safra começou no Paraná, porém, em ritmo lento devido a falta de chuvas. Com 1% semeado nesta semana, vale destacar que parte dos produtores paranaenses optou pelo milho safrinha em detrimento do trigo. No Rio Grande do Sul o plantio se dará apenas em maio.

No contexto atual, será preciso uma safra muito boa para reduzir os preços do trigo no mercado brasileiro. E esta situação, como sempre, dependerá muito do clima. Assim, espera-se recorde de área semeada no país diante dos excelentes preços do cereal.